

# AUDIOVISUAL E PATRIMÔNIOS: REFLEXÕES A PARTIR DE PRÁTICAS PANAMENHAS

Janaína Welle\*

Aline Vieira de Carvalho\*\*

Guillermina Itzel de Gracia\*\*\*

## RESUMO

O presente artigo propõe um debate sobre as relações entre a Educação Patrimonial (EP), o campo do audiovisual e as funções do patrimônio a partir do estudo de caso do *Festival Internacional de Cinema Documental Acampadoc*, realizado no Panamá desde 2012. Em tempos em que a visualidade se consolida como base identitária, instrumento de negociação política e campo de estudos, analisar as relações entre a EP e o audiovisual, entendendo seus mecanismos de significação, torna-se urgente para os estudiosos do patrimônio e das políticas públicas da memória. O audiovisual desponta como uma ferramenta de registro do patrimônio, de construção narrativa sobre sua importância, como mediação para apropriação das memórias ali presentes e, por fim, como um elemento por si só patrimonial.

**Palavras-chave:** Patrimônio, Documentário, Audiovisual, Educação Patrimonial, Panamá

## SUMMARY

---

\*Doutoranda em Ambiente e Sociedade na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), possui mestrado em Mídias pela Unicamp e mestrado em Antropologia Visual pela Universidade de Barcelona, é graduada em Ciências Sociais pela Unicamp. Atua também como documentarista e produtora. E-mail: [wellejanaina@gmail.com](mailto:wellejanaina@gmail.com)

\*\*Doutora em Ambiente e Sociedade na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente nos programas de pós-graduação em Ambiente e Sociedade (NEPAM/IFCH/Unicamp), em História (IFCH/Unicamp) e no Mestrado Profissionalizante em História (ProfHistória/IFCH/Unicamp). Coordenadora do ProfHistória (IFCH/Unicamp). E-mail: [alineneepam@gmail.com](mailto:alineneepam@gmail.com)

\*\*\*Doutora em Sociedade e Cultura pela Universidade de Barcelona. Docente convidada no mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural da Universidade do Panamá. É consultora em museografia e educação para o Patronato Panamá Viejo. Atuou como consultora para o Banco Interamericano de Desenvolvimento e para o Instituto Smithsonian de Pesquisas Tropicais do Panamá como avaliadora de programas educacionais. Realizou trabalhos em museografia a nível nacional e internacional. E-mail: [guilherminaitzeldegarcia@gmail.com](mailto:guilherminaitzeldegarcia@gmail.com)

This article aims to propose a debate on the relationship between Heritage Education (HE), the audiovisual field and the functions of heritage based on the case study of the *Acampadoc International Documentary Film Festival*, held in Panama since 2012. In times when visibility is consolidated as an identity base, instrument of political negotiation and field of studies, to analyze the relations between HE and audiovisual, understanding its mechanisms of significance, becomes urgent for scholars of heritage and public policies of memory. Audiovisual emerges as a tool for registering heritage, for constructing a narrative about its importance, as a mediation for appropriating the memories present there and, finally, as an element that in itself is inheritance.

**Key-words:** Heritage, Documentary, Audiovisual, Heritage Education, Panama

## **Apresentações**

Após quase quatro décadas de discussões sobre Educação Patrimonial (EP), podemos apontar para a existência de um consenso entre especialistas atuantes em diferentes campos científicos de que a EP compreende uma complexa rede de ações que envolvem os dispositivos de educação institucionalizada e formal (como as escolas) e os dispositivos não formais de educação (como canais de televisão, plataformas midiáticas e etc.). Não há concordância, todavia, sobre os caminhos metodológicos de condução destas ações ou mesmo acerca de seus objetivos basilares, que podem variar de acordo com as premissas teóricas daqueles que elaboram a ação da EP.

Neste artigo<sup>1</sup>, partimos do pressuposto de que a EP tem como propósito primordial o diálogo simétrico entre aqueles que detêm o conhecimento técnico-científico sobre o patrimônio, aqueles que detêm o próprio patrimônio e aqueles que se relacionam com o patrimônio em pauta. Entendemos que essas interlocuções são trançadas para orientar debates e ações para a construção de sociedades mais plurais, inclusivas e democráticas. Ou seja, não há prática de EP, ou mesmo sentidos de patrimônios, se não o atrelarmos à própria construção de um conceito de cidadania.

E sobre esses enunciados torna-se imperativo algumas notas. Em tempos de pós-verdade, de violações de princípios básicos dos direitos humanos e das novas estruturas de mídias sociais

---

<sup>1</sup> A primeira autora do artigo agradece o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, processo nº 88887.502941/2020-00.

(PEREIRA e ARAÚJO, 2016: p. 272), que parecem singularizar as primeiras décadas do século XXI, a delimitação desses grupos que categorizamos como aqueles que detêm o conhecimento técnico-científico sobre o patrimônio, aqueles que detêm o próprio patrimônio e aqueles que se relacionam com o patrimônio em pauta, configura um tema absolutamente sensível.

Entendemos que há um saber técnico-científico sobre o patrimônio que delimita, por exemplo, o conjunto de autoras que escreve esse artigo. Esse conhecimento que almejamos construir designa todo o mecanismo de compreensão sobre a construção, a conservação, a gestão e a divulgação do patrimônio. Atrelado às Universidades e outras instituições de pesquisa, majoritariamente, é o conhecimento construído a partir das comparações entre estudos de casos situados em variados territórios, em múltiplas escalas temporais e em intersecções de diferentes ciências. Em contextos de terraplanismos e movimentos antivacina, torna-se perigoso afirmar que esse conhecimento não possui uma singularidade ou mesmo uma função.

O grupo de detentores do patrimônio é constituído por uma comunidade diversa, com suas concordâncias e tensões, cuja a memória e a identificação se relaciona diretamente com o patrimônio que está sendo debatido. Esse conhecimento pode ser formado pela tradição oral, pelas tradições materiais e imateriais e também pelo conhecimento científico. E nesse sentido, é muito importante frisarmos que apesar de criarmos divisões para explicar diferentes relações entre as comunidades e os patrimônios, as categorias são artificiais e os conhecimentos e os interesses estão sempre em trânsito. Por fim, compreendemos aqueles que se relacionam com o patrimônio como uma ampla rede de cidadãos passíveis de serem afetados pelo patrimônio. E o afeto é exposto como um território sinuoso onde estamos abertos para sermos sensibilizados pelo outro. O afeto é o terreno onde ainda conseguimos agir humanamente e, em certa razão, partilhamos um mundo (ARENDR, 2007: p. 33).

Na confluência desses grupos, temos o patrimônio. Material ou imaterial, ele é entendido como a chave para refletirmos sobre quem fomos, o que somos e para onde queremos ir. Ele é sempre uma escolha, fruto de debates e interesses políticos. Instável em seus significados, está sempre em negociação, assim como a própria identidade, a memória e a política; termos que se acolhem de forma inevitável. Como afirma Joan Scott,

(...) a identidade é um processo complexo e contingente suscetível a transformações. Elas também subentendem que política é a negociação de identidades e dos termos de diferença entre elas (...) A política tem sido descrita como a arte do possível; eu preferiria chamá-la de negociação do impossível, a tentativa de chegar a soluções que – em sociedades democráticas – aproximam os princípios da justiça e da igualdade, mas que só pode sempre falhar, deixando assim aberta a oportunidade de novas formulações, novos arranjos sociais, novas negociações. As melhores soluções políticas na atualidade reconhecem os perigos de insistir em uma solução final e totalizante (ou grupos ou indivíduos, ou igualdade ou diferença). De certa forma, estou afirmando que paradoxos [do tipo que descrevi] são o próprio material a partir dos quais políticas são construídas e a história é feita. (SCOTT, 2005: p. 29)

Tendo como premissa que o patrimônio é construído em seus sentidos a partir de negociações constantes entre diferentes comunidades, e que a EP tem como objetivo promover a sensibilização sobre o patrimônio, sua preservação, sobre a formação de sujeitos de detentores e autônomos em suas próprias histórias, que atuem na reivindicação de direitos coletivos e no fortalecimento de cidadania (BEZERRA, 2020: p. 63), gostaríamos de propor um debate sobre as relações entre a EP, o campo do audiovisual e as funções do patrimônio a partir do estudo de caso do *Festival Internacional de Cinema Documental Acampadoc*, realizado no Panamá desde 2012. Em tempos em que a visualidade se consolida como base identitária, instrumentos de negociação política e campo de estudos, analisar as relações entre a EP e o audiovisual, entendendo seus mecanismos de significação, torna-se urgente para os estudiosos do patrimônio e das políticas públicas da memória. Temos nos confrontado com um poderoso instrumento de diálogos e produção de saber sem reconhecê-lo como tal. Nossa proposta, portanto, a partir de um estudo de caso panamenho, é levantar a bandeira sobre a necessidade e a urgência de nos debruçarmos sobre o tema.

O que designamos como patrimônio audiovisual constitui um amplo conjunto de ações e debates que envolvem uma fonte captada simultaneamente em áudio e imagem (MACIEL, 2020: p. 135). O termo foi empregado inicialmente para designar produções de áudio/imagem que tivessem como finalidade auxiliar os professores no ensino de determinados conteúdos em sala de aula. Quase um século após o nascimento da expressão, o campo do

audiovisual tornou-se emancipado e diverso em suas possibilidades de abordagem. De ferramenta auxiliar, passou a ocupar um papel de destaque para a produção de sentidos socioculturais. E, neste ponto, destacamos que não almejamos propor uma leitura onde o audiovisual é compreendido como instrumento auxiliar de informação enciclopédica sobre o que seria um patrimônio ou qual sua notoriedade. Longe desta percepção conservadora, destacamos o audiovisual como um meio para a produção de sentidos pulsantes para o patrimônio e, em caminho semelhante, como ele próprio um patrimônio.

Desde outubro de 1980, a Unesco reconhece e orienta os Estados partícipes da organização a caracterizar o audiovisual como parte do patrimônio cultural. Na “Recomendação para a Salvaguarda e Preservação da Imagem em Movimento”<sup>2</sup>, as imagens em movimento são consideradas como uma expressão da personalidade cultural dos povos e que, devido ao seu valor educativo, cultural, artístico, científico e histórico, formam parte integral do patrimônio cultural de uma nação [tradução livre]. Nesse sentido, as imagens em movimento são definidas pela Recomendação como uma forma de expressão típica da sociedade atual e que tem se tornado cada vez mais parte importante na cultura contemporânea. O campo do audiovisual, da imagem em movimento, teria o potencial de permitir a comunicação e a compreensão “de todos os povos do mundo” e estaria ameaçada exatamente pela fragilidade da guarda do material (condições técnicas, efemeridade de bancos de dados, e etc.). As discussões propostas pela Unesco em 1980 estão presentes nos debates atuais sobre as Humanidades Digitais e seus desafios (FIORMONTE, 2017: p. 9) e, de forma bastante pioneira, estiveram presentes em ações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), entre os anos de 1950 e 1960 (SANTIAGO JR., 2020: p.119), e em discussões propostas pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), nos anos de 1990, sobre a visualidade do patrimônio (CARVALHO e MENEGUELLO, 2020). O tema, portanto, não é desconhecido em nossa trajetória das políticas institucionais de memória, mas não necessariamente estão pautados em nossas agendas públicas de ação. O caso panamenho traz reflexões sobre o porquê devemos colocar esses debates em uma posição de

---

<sup>2</sup> Recomendação disponível no endereço eletrônico: <https://www.fiafnet.org/pages/E-Resources/1980-UNESCO-Recommendation.html>. Data de acesso 28/12/2020.

destaque em nossas ações.

### **A Villa de Los Santos, Panamá: breve apresentação.**

A *Villa de Los Santos* é a capital do distrito de *Los Santos*, na República do Panamá. É ao mesmo tempo sede, palco e dispositivo de memória acionado pelo *Festival Internacional de Cinema Documental Acampadoc*, organizado pela sociedade civil da localidade. Graças ao vasto patrimônio documental que encontra-se no Arquivo Geral das Índias de Sevilha (Espanha) é possível conhecer a história da fundação da *Villa de Los Santos*. Esta documentação possibilitou que historiadores panamenhos, como Alfredo Castellero Calvo (1971), pudessem realizar suas interpretações sobre as origens da fundação desta *villa*. Considera-se que se trata de uma fundação diferente em relação a outras comunidades. Segundo o pesquisador Castellero Calvo (1971), a espontaneidade foi a característica diferenciadora entre *Villa de Los Santos* e outros povoados.

A análise dos arquivos históricos evidencia que a história da *Villa*, quando pensamos na formação colonial e sua relação com o Império Espanhol, foi fundada por moradores que, na década de 1560, findado os regimes de trabalho da *encomienda* indígena, decidiram viver nos arredores das áreas produtivas rurais. Em 1º de novembro de 1569 se organizaram para criar um povoado com todas as diretrizes legais, como se exigia naquela época.

Os vizinhos da cidade de *Natá*<sup>3</sup> se opuseram à criação de um novo povoado e mantiveram litígios com os vizinhos. Entretanto, em 17 de setembro de 1572 se promulgou a sentença de constituição desse povoado que obteve o título de vila com a seguinte jurisdição: *“tenga de términos por la parte que confina com la ciudad de Natá hasta el río Estero nombrado Escoria y por las demás otras partes cinco leguas”* (AGI Panamá, 32, N.54. Cabildo Seculares: Villa de Los Santos). A *villa* seria administrada por um prefeito ordinário, dois regidores, um *alguacil* (juíz) e um *mayordomo* (intendente); deveria ter um escrivão *“por esta vez que se nombre de esta Real Audiencia y así nombrado sus em los dichos oficios hasta fin del año 1573 y que el día de nuestra Señora de la O<sup>4</sup>”* (AGI Panamá, 32, N.54. Cabildo Seculares: Villa de Los Santos).

---

<sup>3</sup>A segunda cidade colonial no Mar de Sur foi fundada em 1522 pelo Governador Pedro Arias Dávila.

<sup>4</sup>Segundo o calendário católico Nossa Senhora Maria do Ó é dia 11 de fevereiro.

A fundação espontânea, atrelada ao fim do regime de *encomienda* e resultado de determinadas disputas territoriais, teve como consequência uma materialidade e uma imaterialidade, cujos fragmentos, são preservados até o tempo presente. Os quatrocentos e cinquenta anos de existência da *Villa de Los Santos* imprimiram uma escolha de discurso patrimonial profundamente ligado com seu passado colonial, aspecto que é facilmente observável ao contemplar suas ruas e ao conhecer suas tradições que foram preservadas pelos moradores da localidade. É um claro exemplo de como o estudo e o reconhecimento da história permitem a tomada de consciência sobre a importância do legado cultural herdado, o que sem dúvida conduzirá a salvaguardar e a transmissão às futuras gerações.

Há um coeso discurso acadêmico sobre o passado e a importância da memória a partir das materialidades da *Villa de Los Santos*. Mas, para além das esferas universitárias, há um compartilhar de propósitos entre as comunidades que se relacionam com a cidade que deságuam na busca por um sentimento identitário que os relacione com o passado e com o chamado legado histórico herdado. Neste contexto, a identidade é compreendida como propõe o antropólogo Llorenç Prats; para ele, ela é uma “construção social e um fato dinâmico, ainda que com um nível razoável de fixação e duração”<sup>5</sup> (2004: p. 31, tradução livre). Reconhece-se, portanto, que para que exista um sentimento de apropriação do patrimônio, se deve ter uma conexão com a identidade pertencente a um grupo e, por extensão, ao seu patrimônio material e imaterial. Com essa identificação e apropriação patrimonial, torna-se mais democrática, inclusiva e eficiente a tarefa de preservação e transmissão de conhecimento. A partir das experiências na *Villa de Los Santos*, que são apresentadas no próximo item deste artigo, frisamos que a participação das comunidades é engajada na mesma medida (e intensidade) em que exista uma organização e uma gestão correta do patrimônio pelos agentes competentes. Destaca-se a necessidade de se estabelecer pautas relativas à importância do patrimônio cultural, de como deve ser entendido e defendido pela sociedade. Ainda dotados de organização, participações simétricas e multivocais, as ações junto às instituições de preservação patrimonial são sempre delicadas, talvez um traço comum a diferentes contextos latino americanos.

---

<sup>5</sup>No original: (...) *construcción social y un hecho dinámico, aún que con un razonable nivel de fijación y perduración.*

De acordo com Irina Ruiz Figueroa, produtora e diretora do *Festival Internacional de Cinema Documental Acampadoc*, natural da *Villa de Los Santos* e moradora da cidade:

O *Acampadoc* surge devido à necessidade de resgatar o patrimônio em risco na *Villa* já que havia uma ausência de governança municipal no tema de que, por exemplo, a *Villa* tem uma população com uma antiguidade bastante considerável. Das primeiras cidades em terra firme. Isso talvez também possa dizer Guillermina [referência à Guillermina Itzel de Gracia, coautora neste artigo], que hoje em dia, até a presente data, não tem um marco legal de proteção das fachadas, dos imóveis. Além disso, uma vez que esse patrimônio tangível se perde, o substrato, que é a parte intangível, imaterial, obviamente também irá desaparecer. Então esse vínculo, nós tentamos ao menos perpetuar através do cinema documental como uma ferramenta para ao menos deixar um documento, um registro vigente, para as futuras gerações. Essa é mais ou menos a razão pela qual surge o *Acampadoc*. Desse desejo de perpetuar um pouco a memória para as seguintes gerações.

O impacto do festival vemos depois de seis ou sete anos, quando muitos imóveis começam a desaparecer e são os documentários do *Acampadoc*, os únicos que guardam, ao menos de forma audiovisual e em cores, como era, como víamos essas ruas, de que maneira estavam conformadas certas paisagens da cidade. Muitas das pessoas que foram entrevistadas nos curta-metragens do *Acampadoc*, já não fazem parte deste mundo, já faleceram, e seu depoimento está plasmados nestas peças audiovisuais, possibilitando também, que não somente os familiares possam ver, mas mais à frente, seja um material de estudo para futuras teses ou talvez trabalhos de pesquisa. Então, não é o objetivo [realizar os filmes somente como exercício de registro], porque senão estaríamos levantando dados de todas as pessoas que são importantes, e nunca vimos dessa maneira, mas apesar disso, forma parte de um registro muito interessante que necessariamente já vai se conformando no que podemos entender como uma midiateca do patrimônio para o Panamá<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup>Depoimento original: *El Acampadoc surge debido a la necesidad de rescatar el patrimonio en riesgo en La Villa, dado que había una ausencia de gobernanza municipal en el tema de que, por ejemplo, La Villa tiene una población con una antigüedad bastante considerable. De las primeras ciudades en tierra firme. Eso quizás también te lo puede decir Guillermina [referência à Guillermina Itzel de Gracia, coautora neste artigo], que al día de hoy, a la fecha, no tiene un marco legal de protección de todo lo que es la fachada, los inmuebles. Y pues, una vez que ese patrimonio tangible se pierde, el substrato, que es la parte intangible, inmaterial, pues obviamente también va desaparecer. Entonces, este vínculo, lo hemos tratado al menos de perpetuar a través del cine documental como una herramienta para al*

A ameaça permanente de perda dos patrimônios que estão além dos arquitetos oficiais está assinalada no depoimento. Diante da ameaça, o audiovisual surge como uma ferramenta de registro do patrimônio, de construção narrativa sobre sua importância, como mediação para apropriação das memórias ali presentes e, por fim, como um elemento por si só patrimonial.

Em relação ao patrimônio colonial da *Villa de Los Santos*, materializado nas fachadas dos prédios e na configuração das ruas, destaca-se o padrão quadriculado da malha urbana, em cujo centro se encontra a Praça ou Parque Simón Bolívar. Na esquina nordeste desta praça, na segunda metade do século XVIII, foi edificada a Igreja de *San Atanasio*, sobre outra construção da segunda metade do século XVI. A Igreja de *San Atanasio* tem planta retangular, com cinco naves, coberta de telhas a duas águas e torre campanário ao final da nave da epístola. O atual templo foi declarado monumento histórico nacional em 1938.

---

*menos dejar un documento, un registro vigente para las futuras generaciones. Es así más o menos la razón por la que surge Acampadoc. De ese deseo de perpetuar un poco la memoria para las siguientes generaciones.*

*El impacto del festival lo vemos después de unos seis o siete años, cuando muchos inmuebles comienzan a desaparecer y son los documentales de Acampadoc los únicos que guardan, al menos de forma audiovisual y a colores, como era, como se ve a esas calles, de que manera estaban conformados ciertos paisajes del pueblo. Muchas personas, que han sido entrevistadas en los cortometrajes de Acampadoc, ya no forman parte de este mundo, ya han fallecido, y su testimonio, queda reflejado en estas piezas audiovisuales posibilitando también que no solamente sus familiares los puedan ver, sino también, más adelante, sea un material de estudio, para futuras tesis o quizás trabajos de investigación. Entonces no es el objetivo, [realizar las películas solamente como ejercicio de registro] porque sino estaríamos levantando quizás una data a todas las personas que son importantes, nunca lo hemos visto como eso, sin embargo, sí forma parte de un registro bien interesante que necesariamente ya va conformándose en lo que puede ser una mediateca de patrimonio para Panamá.*

Foto do Parque Simón Bolívar com a Igreja *San Atanasio* ao fundo. La Villa de Los Santos, Panamá. O espaço concentra grande parte das atividades do *Acampadoc*. A convivência entre alunos, professores e comunidades locais torna-se um eixo fundamental para a discussão sobre os sentidos do patrimônio e os mecanismos possíveis de sua apropriação.



Crédito: Fundação INDICRI, 2020.

Fotos do interior da Igreja *San Atanasio*. Detalhe do teto com adornos mudéjar e altar em estilo barroco.



Crédito: Fundação INDICRI, 2020.

Outro edifício de caráter histórico é ocupado pelo *Museu da Nacionalidade*. Embora pouco se tem documentado acerca de suas origens, segundo a narrativa oficial, foi nele, “no *cabildo* da *Villa de Los Santos* que se declarou a independência do Panamá da Espanha em 1821<sup>7</sup>” (TEJEIRA DAVIS, 2007, tradução livre).

---

<sup>7</sup>No original: *Según la tradición fue aquí, donde el cabildo de La Villa de Los Santos declar la independencia de Panamá de España en 1821.*

A chamada mestiçagem<sup>8</sup> cultural de mais de três séculos de domínio espanhol se vê refletida no patrimônio imaterial conservado pela população<sup>9</sup> da *Villa de Los Santos*, como parte de sua identidade. É o caso de danças rituais, como as de *Corpus Christi*, que são uma mostra das produções culturais de longa duração. Todo esse material acerca da memória colonial panamenha é fundamental para se discutir as memórias locais e mesmo as nacionais.

### **O Festival Internacional de Cinema Documental Acampadoc e suas relações com o patrimônio**

O *Acampadoc* é um festival dedicado à difusão e exibição de documentários enfocados ao resgate do patrimônio cultural e natural que acontece anualmente na *Villa de Los Santos*, região central do Panamá, desde o ano de 2012. Concebido e dirigido por Irina Ruiz Figueroa, engenheira e produtora de cinema panamenha egressa da Escola de Cinema e Televisão (EICTV) de *San Antonio de Los Baños* (Cuba), conta atualmente com três grandes frentes de atuação: 1) o festival em si, com a exibição dos filmes selecionados dentro da temática anual; 2) os programas de formação audiovisual e laboratório de desenvolvimento de projetos de longas documentais ibero-americanos; 3) as atividades de formação de público com oficinas de apreciação documental e debates com cineastas nas escolas locais. O evento é realizado pela *Fundação Indústrias Criativas Indicri*<sup>10</sup> que atua em projetos de resgate patrimonial da península de Azuero desde 2002.

Em sua primeira edição, em 2012, o *Acampadoc* teve sete dias de duração e contou com a realização da primeira versão do *Campamento*: um projeto de formação audiovisual voltado para

---

<sup>8</sup>O conceito de mestiçagem é bastante controverso nos estudos tanto na América Portuguesa quanto na América Espanhola, do período colonial. Muito da diversidade de leitura sobre o conceito vem dos usos políticos que ele adquire na atualidade. Sobre o tema, gostaríamos de indicar duas obras publicadas em português no Brasil: *Patria Mestiza: a invenção do passado mexicano (séculos XVIII e XIX)*, de Luiz Estevam de Oliveira, publicado em 2012 e *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra* (2019), de Kabengele Munanga.

<sup>9</sup>A população da *Villa de Los Santos* é de 7.991 habitantes segundo os Censos de 1990 a 2010, *Superficie, población y densidad de población em la República según provincia, comarca, distrito y corregimiento*, Instituto Nacional de Estadística y Censo (INEC) - Panamá.

<sup>10</sup><https://indicri.acampadoc.com/> Data de acesso: 04/01/2021.

jovens ibero-americanos que estão iniciando, ou desejam iniciar, sua carreira na temática. Os candidatos se inscrevem com uma proposta de curta documental e uma carta de motivação. Os selecionados têm garantida uma bolsa de estudos que contempla a matrícula do curso. Em contrapartida, cada selecionado deve arcar com os custos da viagem e da estadia e alimentação, esses dois últimos são majoritariamente subsidiados pela organização do Festival.

Os alunos, oriundos de toda Ibero-América, ficam hospedados em uma pousada na região central, entre dois importantes pontos patrimoniais da cidade: o Parque Simón Bolívar e a Igreja de *San Atanasio na Villa de Los Santos*. As aulas acontecem na *Escuela del Folklor*, que se localiza na mesma região da hospedaria dos estudantes. Os espaços foram escolhidos de forma a valorizar a integração entre os participantes e os espaços de afeto da cidade. A dinâmica do evento é de intensa convivência e a troca de experiências entre o corpo docente e os alunos é realizada de maneira dinâmica. Todas as refeições são realizadas de forma coletiva e no espaço da *Escuela del Folklor*. No final do dia, após o jantar, há uma programação de filmes a serem exibidos e debatidos no salão principal da *Escuela*. A presença dos alunos é obrigatória. Outros interessados nas exibições podem assisti-las de forma gratuita. Ao findar a programação oficial, geralmente os participantes e tutores se reúnem no Jardín Tamarindo, um bar que fica ao cruzar da *Escuela*.

As aulas formativas, tanto as teóricas como as práticas, são dadas por uma equipe formada por docentes com diferentes experiências e formações, vindos de países majoritariamente latinoamericanos. Com as aulas, espera-se abarcar, de maneira ampla, todas as etapas da produção documental como a pesquisa, a direção, o roteiro, a fotografia, o som, a produção, a edição, o fluxo de trabalho e a distribuição audiovisual. As aulas são dadas nos primeiros dias do evento, após essa etapa de formação os alunos são divididos em grupos e realizam a produção de um curta-documentário a partir do tema anual do festival na *Villa de Los Santos* e arredores. Como são jovens iniciando sua trajetória no meio audiovisual, cada grupo conta, geralmente, com dois assessores que os acompanham nas filmagens e no processo de edição. No último dia do evento, os documentários realizados na comunidade e com a comunidade são exibidos, se o tempo permitir, ao ar livre no Parque Simón Bolívar. Trata-se de um momento de celebração do encerramento do evento e de devolutiva para a população da *Villa*; um encontro entre os jovens aspirantes a cineastas e a população local, que vê suas histórias e a si, retratados

nos documentários exibidos nas telas da praça central.

Foto dos participantes do *Campamento* junto com os tutores no Parque Simón Bolívar na *Villa de Los Santos* - Panamá. Vindos de diferentes partes da América Latina, os estudantes vivenciam o patrimônio de forma intensa por 10 dias. O resultado dessa experiência e encontro pode ser conferido na filmografia.



Crédito: Fundação INDICRI, 2015.

A partir de sua 3ª edição, em 2014, o *Acampadoc* passou a contar com um programa de formação e laboratório de desenvolvimento de projetos de longas documentais ibero-americanos. O programa é chamado de *Residencia* e acontece de forma simultânea ao Festival e ao *Campamento*. Para a seleção da *Residencia*, há como prerrogativa que os alunos devem ser jovens cineastas ibero-americanos que estão desenvolvendo seu primeiro ou segundo projeto de longa documental. A dinâmica é parecida à do *Campamento*. Todos ficam hospedados em um mesmo hotel, a poucas quadras da *Escuela de Folklor* e, nos primeiros dias, recebem aulas formativas nas mais diversas áreas. Além das aulas, cada participante da *Residencia* tem uma assessoria individual para seu projeto com cada um dos docentes em sua área de especialidade. As assessorias visam desenvolver, avançar e consolidar o projeto de documentário que almejam realizar. Quando terminadas as aulas, os participantes realizam um curta documental “espelho” de seu projeto na comunidade. Ou seja,

realizam um curta documental na *Villa de Los Santos* que tem como referência temática e estética o projeto apresentado e refletido pelo residente. O documentário apresentado ao final é resultado de um longo exercício de diálogo sobre o projeto original e fruto de testes e escolhas narrativas. Os integrantes da *Residencia* também realizam um *pitch* de seus projetos ao final do processo e são premiados eventualmente com indicação e bolsas para outros laboratórios de desenvolvimento de projetos e para mercados audiovisuais ibero-americanos. Os documentários realizados são exibidos publicamente no último dia do *Acampadoc*, juntamente com os do *Campamento*. Na noite de encerramento são premiados os ganhadores do Festival e há uma premiação para os filmes realizados na *Villa*. Após sua exibição pública no Parque Simón Bolívar, os curtas produzidos no âmbito do *Acampadoc* circulam por festivais nacionais e internacionais.

Desde 2018, o evento promove, além disso, um programa de oficinas de apreciação documental nas escolas públicas e privadas locais, exibindo documentários e realizando conversas com cineastas convidados como uma devolutiva para a comunidade e iniciativa de formação de público na *Villa*, que não conta com sala de cinema comercial. No ano de 2020, diante do contexto pandêmico, o evento foi realizado de forma virtual e durou 15 dias, ao invés dos usuais 10 dias. A novidade foi a inauguração da modalidade de formação *Viveiros*; nela os alunos selecionados tiveram acesso às aulas oferecidas no programa da *Residencia*, sem terem um projeto de longa a ser desenvolvido nas assessorias nem realizar a produção de um curta documental.

O *Acampadoc* é o primeiro programa internacional de formação cinematográfica panamenho realizado fora da região metropolitana da Cidade do Panamá, segundo seu site<sup>11</sup>. O festival destaca-se por sua relação profunda com o resgate do patrimônio cultural e natural. Geralmente a cerimônia de abertura do evento é seguida de uma palestra sobre patrimônio, no último ano de 2020, a mesa redonda de abertura, intitulada *Patrimônio a partir do confinamento*, foi ministrada por Katti Osorio, representante da Dirección Nacional Del Patrimonio Histórico do Panamá e por Luis Molinari, do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais IEPHA-MG. O *Acampadoc* é ativo na rede cinematográfica, participando de eventos como mostras, festivais e encontros, além disso, participa também de diversos eventos

---

<sup>11</sup><https://acampadoc.com/> Data de acesso: 20/12/2020.

nacionais e internacionais relacionados ao patrimônio, exibindo e debatendo os documentários realizados no âmbito de seus programas formativos, ministrando palestras e oficinas em comunidades. Dentre os principais eventos destacamos o seminário *Collaborative Filmmaking: Approaches in archaeology, heritage and development* organizado pela Faculdade de Arqueologia da Universidade de Leiden em 2018; o *Ciclo de Oficinas sobre Pesquisa Documental e Patrimônio Cultural* no Museu Arqueológico de Salango no Equador em 2015; o *1º Congresso Internacional do Patrimônio Cultural Imaterial do Panamá*, em 2015; a *Jornada Hablemos Del Patrimonio* no Panamá em 2013 e o *1º Congresso de Antropologia do Panamá* em 2012.

Até o ano de 2020, 190 alunos ibero-americanos passaram pelos programas de formação entre o *Campamento* e a *Residencia*. Foram realizados um total de 98 documentários, o que torna o *Acampadoc* o maior produtor de curta-metragens documentais do Panamá, de acordo com os organizadores do festival. Dos 98 documentários produzidos, 46 foram realizados no âmbito do *Campamento* e 52 na *Residencia*.

Alguns dados acerca dos curtas documentais realizados pelos grupos do *Campamento* podem ser destacados para refletirmos sobre as relações entre o campo do audiovisual, do patrimônio e dos processos de empoderamento das comunidades locais sobre o seu próprio patrimônio. Vale ressaltar que optamos por não aprofundar a temática dos documentários realizados pelos selecionados para a *Residencia*, pois esses são estruturados na forma de “espelho” de projetos elaborados para outros territórios. No caso específico do programa formativo do *Campamento*, todas as produções seguem uma temática anual, sempre relacionada ao patrimônio, modos de vida e cultura local, estabelecida pela organização do evento. Abaixo listamos os curtas-documentais realizados por ano e sua respectiva temática:

**Tabela 1 – Documentários realizados no *Campamento* (2012-2020)**

| 2012 - Tema anual: Patrimônio e Sociedade |  |
|---|--|
| Título                                    | Diretores  |
| Al son del barro                          | Amparo Roble Rodríguez, Angel Gutierrez e Abdiel Zabad               |
| Al sabor de la luna                       | Blanca Pedreschi, Giselle Morales, Laura Ángel e Maricarmen Castillo |

|   |   |
|---|---|
| Entre diablos   | Víctor Medina, Kathelys Pereira Saavedra, Carlos Díaz e Adahir Ponce        |
| Entre diablos y santos                                      | Wagner Mora, Aileen Méndez Tejada, Natalia Monroy Castañeda e Rolando Silva |
| <b>2013 - Tema anual: Herança gastronômica</b>              |   |
| <b>Título</b>   | <b>Diretores</b>  |
| En manos del tiempo   | Andrea Ayala, Mar Alzamora Rivera e Víctor Pereira                          |
| Entre Fuego y Tierra  | Bereniz Tello, Elsy Rodríguez e Duiren López                                |
| Labrando Ausencia   | Francisco Fuenmayor, Tairé Hall e Iván Pérez                                |
| Sabores que nascen  | Manuel Campos, David Donner Castro e Erick Giancarlos Gonzalez              |
| Tamarindo   | Arturo José García e Nei Francisco  |
| Venera  | Luis Carlos Pérez, Joaquim Murguía Lee e Karen Trujillo                     |
| <b>2014 - Tema anual: Memórias da bacia do rio La Villa</b> |   |
| <b>Título</b>   | <b>Diretores</b>  |
| Cruz  | Yarelis Mendoza, Katherin Delgado Franco e Aileen Valle                     |
| El clásico de Azuero  | Yolanda Morales, Felipe Zuñiga e Geovany Cunampio                           |
| El son de los olivos  | María Belén Cedeño Blacio, Ramón Moraes Garro e Fredys Pascario Córdoba     |
| Pez era   | Paola Martínez, Gustavo León Ramírez e José Franco Vicuña                   |
| Semillera   | Anaís Taracena, Juan Andrés Gómez e Iria Perez Castro                       |
| Tendiendo pescado   | Harry Oglivie, Pedro Omaña e José Barquero                                  |
| <b>2015 - Tema anual: Agricultura camponesa</b>             |   |
| <b>Título</b>   | <b>Diretores</b>  |
| Soñando la tierra   | Jonathan González, Fabio Hernandez e Angel Pajares                          |
| Carreteando memorias  | René Guillén, Gustavo Molina e Dennisse Cruz                                |
| Echa pa lante   | Brian Ruiz, Cecília Branchez e Irene Guitierrez                             |

|   |  |
|---|--|
| Pin pagao pin ganao                                       | Miguel Ángel Rodríguez, Hawi Naira Castañeda e Wilber Huacasi Huaman   |
| <b>2016 - Tema anual: Paisagens culturais em risco</b>    |  |
| <b>Título</b>   | <b>Diretores</b>   |
| Grietas   | Carmen Montoya, Jorge Zúñiga, Ireul Thyme e Karina Reyes   |
| Ojalí tuviera   | Mariel Romero Méndez, Oscar Omar Portillo Dueñas, Matias Minahk e Meyvis Blackman  |
| Sara, lujo y esplendor                                    | Kereenthya Yanis, Marvin Salvador Rodríguez, Rodrigo Moreno, María Agelica Contreras e Marc Saludes  |
| Tumbamontes   | Cristiam Camilo Guerrero, Harry Suárez, Carolina Amaya e Jéssica Guifarro  |
| <b>2017 - Tema anual: Mulheres e trabalho</b>             |  |
| <b>Título</b>   | <b>Diretores</b>   |
| Palacios en el mar  | Laura Guerra Torres, Oriana Martínez Velázquez, Ivan Jaripio, Amelia Arreguín Prado e Sofía Alvarez Espinoza                                     |
| Dalia   | Yarvis Suárez, Monica Echeverría, Augusto Zapatero, Luiza Orozco Barrios e Daniela Bolívar   |
| Libertad, libertad, libertad                              | Marco Arias, Milagros Hernández, Diana Pacheco, Jeff Toledo e Vania Rodriguez Cruz   |
| Vozes   | Andressa Ternes, Arturo Baltazar, Gabriela Orestes, Josue Orellana e Meyvis Blackman   |
| <b>2018 - Tema anual: Cultura viva comunitária</b>        |  |
| <b>Título</b>   | <b>Diretores</b>   |
| Círculo   | Carlos León, Esteban Salas Campos, Amisaday Ferro e Evelyn Araúz   |
| Los riders de Rufina                                      | Cristian José Bernal, Paul Simitrí, Oswal Gómez, Jesús Ortiz, Anthony González, Nelson Jaramillo, Geroge Cortez, Angel Marterrey e Jonathan Jaén |
| Pan de fuego  | Fernando Torres, David Guerra, Yoelis Garabato e Alexis Campbell   |
| Sinusal   | Daniela Muñoz Barroso, Dimas Rodriguez e Irene Queiroz   |
| <b>2019 - Tema anual: Consumo e produção responsáveis</b> |  |

| Título  | Diretores  |
|---|--|
| Raíces  | Diana Arroyo, Ericka Oreallana e Geraldina Nereira                             |
| Biotipo   | Fátima Lucía Díaz Hernandez, Mabel Guerra Cheva e Javier Alejandro Salas Salas |
| Miradas   | Valeria Intriago, Leonel García e Sofía Corrales                               |
| Por qué llora el río  | Daniel Hernandez e Eleonora López Galarza                                      |
| <b>2020 - Tema anual: Alternativas a partir do confinamento</b> |  |
| Título  | Diretores  |
| Armadura de fé  | Vidal Alba   |
| Ausencia  | Jonathan Cáceres   |
| El porvenir   | Rita Ramos   |
| Jisk'apacha   | Jhonny Mariano   |
| La educación al borde de un abismo                              | Idis Hogan   |
| Lázaro y el café  | Yuri Pittí   |
| Santuário sónico  | Shanon Muñoz   |
| Transvida   | Félix D'el Cid   |
| Un cuento no tan cuento   | Debora Arrocha   |
| Única   | Natasha Pacheco  |

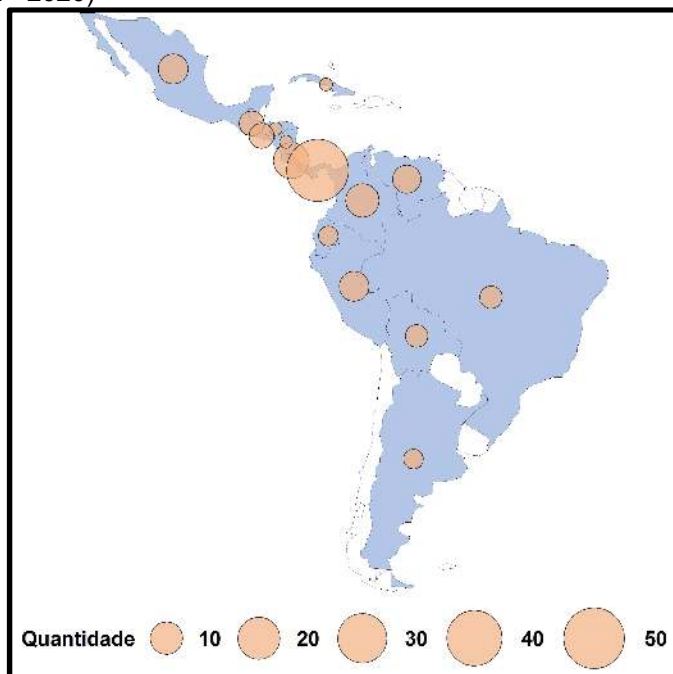
Fonte: Acampadoc. Elaboração Janaína Welle. 2020.

Os temas apresentados em cada um dos anos valorizam as relações entre os campos que tradicionalmente chamamos de cultura e sociedade. No caso da inauguração do evento, com a proposta temática do Patrimônio e Sociedade, abre-se um campo de discussão teórico, conceitual e prático sobre como implementar os diálogos abertos e multidirecionais entre aquilo que definimos como nossas heranças e todo o entorno. Mas, ao invés de produzir campo em combate, cultura x natureza, o evento convida os seus participantes a narrarem a complexidade daquilo que nos torna humanos. Com o alicerce estabelecido, torna-se uma rota promissora pensar nos temas do patrimônio alimentar, das relações com as águas, dos saberes envoltos nos trabalhos no campo, das paisagens em risco, das relações entre as mulheres e o trabalho, das culturas comunitárias compreendidas (e reafirmadas) como vivas, dos saberes implícitos (e das escolhas) da produção e do

consumo responsável e, por fim, dos próprios tempos pandêmicos<sup>12</sup>.

A partir do acesso à base de dados dos participantes do *Acampadoc*, elaboramos um mapa da origem geográfica dos alunos do *Campamento*:

**Figura 1** – Origem geográfica dos participantes do *Campamento* (2012 - 2020)



Fonte: Acampadoc. Elaboração própria.

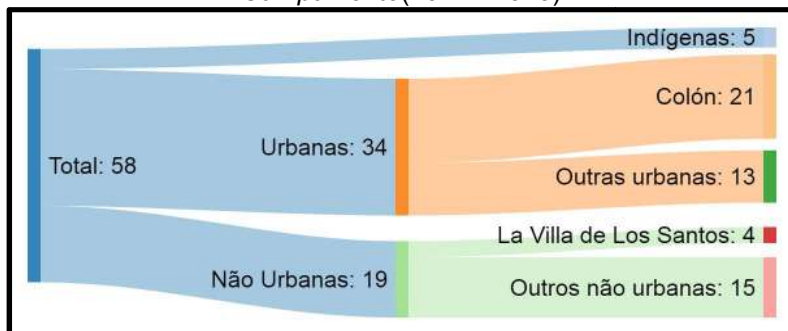
Nota: Mapa não contempla um (01) participante da Espanha.

Com um total de 138 beneficiários, o *Campamento* recebeu

<sup>12</sup> É importante destacar que a excepcionalidade da experiência da pandemia, trazida pelo vírus da COVID-19, também gerou um processo de busca pelo registro das memórias desse tempo presente em diferentes plataformas e territórios. De projetos internacionais como o Inglês birmingham.gov.uk/blog/memories/post/440/birminghams-memories-of-covid-19 ao financiado pela Fapesp, Plataforma #MemóriasCovid19, e o tema trazido pelo próprio Festival, temos o apelo para registrar em diferentes escalas e por múltiplas localidades o impacto da pandemia na virada da década de 2020. Seria a covid-19 uma experiência construtora de novos patrimônios? Daqueles mais sombrios? (MENEGUELLO e BORGES, 2018, p.346).

participantes oriundos de 15 países ibero-americanos, com destaque para os países centro-americanos como Costa Rica, e países vizinhos como a Colômbia. Participaram do *Campamento* 58 panamenhos provenientes de diversas regiões, como podemos ver na figura abaixo:

**Figura 2** – Origem geográfica dos participantes panamenhos do *Campamento*(2012 - 2020)



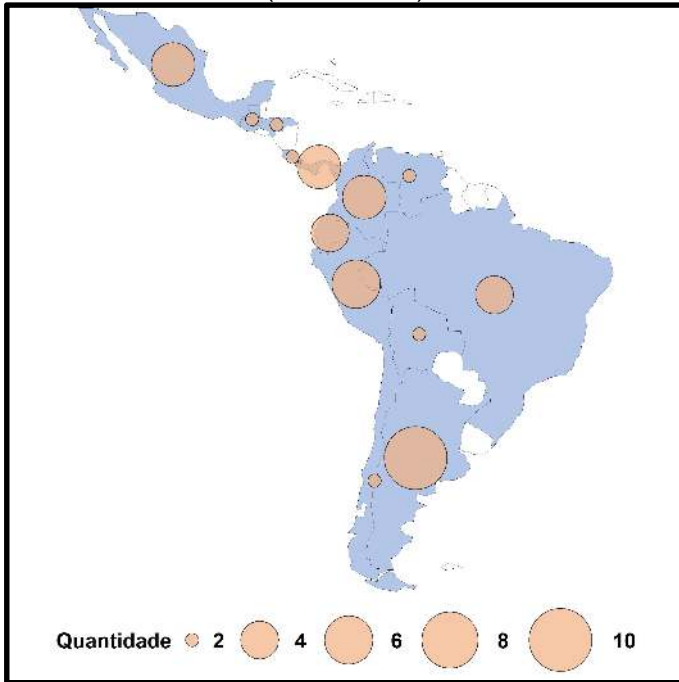
Fonte: Acampadoc. Elaboração própria.

Destacamos a presença de panamenhos vindos de regiões não urbanas, indígenas e da comunidade afro-panamenha. Além da bolsa de estudos relativa à matrícula do curso, todos os indígenas panamenhos que participaram do *Campamento* receberam do *Acampadoc* bolsa completa que cobriu os custos com deslocamento, hospedagem e alimentação. Já os selecionados provenientes de *Colón*, segunda maior cidade do Panamá, localizada na extremidade do Caribe do Canal do Panamá e de forte presença afro-panamenha, receberam apoio e formação prévia da *Fundación Contra-Peso*, uma organização não governamental que utiliza o cinema como ferramenta de transformação social. Dos participantes de áreas não urbanas salientamos a participação de jovens da própria *Villa de Los Santos* no *Campamento*, que somam quatro participantes até a presente data.

Pela *Residencia* passaram 52 alunos em suas versões e estão distribuídos da seguinte maneira:

**Figura 3** – Origem geográfica dos participantes da *Residencia*

(2012 - 2020)



Fonte: Acampadoc. Elaboração própria.

A equipe de docentes, tutores e assessores técnicos do *Acampadoc* é rearranjada a cada ano, com algumas mudanças pontuais<sup>13</sup>. São profissionais ibero-americanos que atuam no mercado cinematográfico e acadêmico, grande parte egressos da EICTV-Cuba.

Os trânsitos de alunos, docentes, tutores, entre outros, que mapeamos, indicam não apenas a possibilidade de diálogo e troca de experiências no que tange à teoria e técnica da construção do audiovisual, mas, de experiências afetivas sobre a temática patrimonial. O Festival tem como um dos pilares a produção de narrativas audiovisuais sobre o patrimônio, produz diálogos transterritoriais sobre os mesmos e, por fim, confere à própria produção uma efetividade patrimonial. Tivemos acesso ao acervo

<sup>13</sup>Guillermina Itzel de Garcia é a coordenadora acadêmica do Acampadoc desde sua primeira edição e Janaína Welle, ambas coautoras deste artigo, compõe o corpo docente desde 2015.

fílmico dos documentários realizados no *Campamento*. Os documentários são publicados no canal do *Vimeo* do *Acampadoc*<sup>14</sup>. Como percorrem o circuito dos festivais, as produções recentes não ficam públicas, mas uma vez passada a etapa dos festivais, que dura cerca de dois anos, ficam disponíveis para o público geral. Ao nos debruçarmos sobre os 46 filmes que foram realizados, encontramos temas recorrentes, afinidades e aproximações para além da temática anual. Abaixo elencamos algumas das principais convergências.

A *Villa de Los Santos* é uma cidade de tradição camponesa, foram diversas as produções que trouxeram a agricultura, as tradições camponesas e questões ligadas ao meio ambiente em sua tessitura fílmica. Vemos a vida tradicional no campo em *Labrando ausencia* (2013), *En manos del tiempo* (2013), *Carreteando memorias* (2015) e *Lázaro y el café* (2020), em todos, a agricultura familiar e o modo tradicional de lavrar a terra são apresentados. Em *Biotipo* (2019) vemos um jovem autodidata que exercita sua paixão por peixes na criação de peixes para aquário e na aquaponia. Ainda relativos às questões da vida no campo, mas trazendo ademais experiências de sustentabilidade e reflexões sobre mudanças climáticas e contaminação do solo e da água temos *Semillera* (2013), *Echa pa lante* (2015), *Cruz* (2014), *Miradas* (2019) e *Jisk'apacha* (2020), este último, realizado na Província de José Manuel Pando, no altiplano boliviano. As tradições camponesas regionais como *la junta* da colheita de arroz, onde os agricultores se juntam em mutirão para colher arroz e celebrar tomando *chicha*, uma bebida artesanal fermentada, e cantam *las salomas*, uma emissão vocal ou gutural típica dos camponeses do interior do país, são mote de *Pin pagao pin ganao* (2015) e *Tumbamontes* (2016). O atual contexto dos agricultores na região, com dificuldades em manter o modo tradicional de cultivo, é retratado por *Soñando la tierra* (2015). Não há dúvidas de que os saberes passados entre gerações, que permitem a produção de laços entre tempos históricos distintos, ganham seu reconhecimento no audiovisual.

O rio *La Villa*, que demarca o limite entre a *Villa de Los Santos* e *Herrera*, é outro elemento presente em vários documentais como *Pez era* (2013), *Tendiendo pescado* (2013), *Semillera* (2013), *Cruz* (2014) e *Por qué llora el r o* (2019), e que trazem uma recuperação histórica de seu uso e suas memórias através de fotos e depoimentos, que são colocados em contraste com sua situação

---

<sup>14</sup><https://vimeo.com/channels/acampadoc>. Data de acesso: 20/12/2020.

atual. De maneira mais tangencial, o rio é retratado em *El clásico de Azuero* (2014), que traz o tema do beisebol e a rivalidade entre os times *Herrera* e *Los Santos*. Os modos de vida ligados à pesca e aos peixes estão presentes em *Biotipo* (2019) e em *Palacios en el mar* (2017), que faz o retrato de uma pescadora local.

O patrimônio e a cultura alimentar da região, temas que têm movimentado pesquisas no Brasil e novos registros, as diversas *fondas*, que são pequenos locais de venda de alimentos preparados na *Villa*, a cultura dos fornos a lenha são outro tema bastante frequente nos curtas realizados pelos alunos. Pães assados em forno a lenha estão presentes em *Al sabor de la luna* (2012), *Entre fuego y tierra* (2013) e *Pan de fuego* (2018). A labor madrugadora das *fondas* é registrada em *Sabores que nacen* (2013) e *Venera* (2013). O cotidiano da vida no campo e o preparo dos alimentos nos fornos a lenha pode ser visto em *Labrando ausencia* (2013) e *En manos del tiempo* (2013). Já em *Tamarindo* (2013), revisita-se as memórias evocadas pela árvore de tamarindo que existia no jardim, onde hoje encontra-se o Bar Tamarindo, e que se ligam a narrativas de vendedoras desta fruta e suas qualidades nutritivas.

O patrimônio cultural imaterial da *Villa de Los Santos* está plasmado nas produções do *Campamento*. As festividades de *Corpus Christi*, famosas a nível nacional, e a tradição dos *diablos* aparecem em *Entre diablos y santos* (2012) e, *Entre diablos* (2012). O canto da *saloma*, já citado, é registrado em *Pin pagao pin ganao* (2015). Já em *El son de los olivos* (2014), vemos o diálogo de um menino que quer ser músico e tocar o acordeon para tocar o *tamborito*, um ritmo panamenho, com um senhor que toca o instrumento. *Sara, lujo y esplendor* (2016) traz a tradição das *reinas* das festas populares.

A paisagem e o patrimônio edificado da cidade, com suas construções coloniais e alguns lugares emblemáticos como a Igreja de *San Atanasio*, o Parque Simón Bolívar e Parque Rufina, são imagens recorrentes em *Entre diablos y santos* (2012), *Entre diablos* (2012), *Pez era* (2013), *Ojalá Tuviera* (2016), *Los riders de Rufina* (2018) e *Miradas* (2019). *Al son del barro* (2012) apresenta a *quincha*, modo de construção tradicional panamenho similar ao pau-a-pique e presente em várias construções da cidade e que está se perdendo. *Grietas* (2016) recupera a história de um edifício colonial que foi casa de importantes famílias locais e que hoje é um comércio comandado por imigrantes chineses. Já *Sinusal* (2018) é uma colagem do cotidiano da cidade a partir da paisagem da *Villa de Los Santos*.

O mito de Rufina Alfaro, figura lendária do movimento de independência panamenho e supostamente oriunda da Província de *Los Santos*, é trabalhado em *Libertad, libertad, libertad* (2017), que traz a querela sobre sua real existência e memória em disputa. Em *Los riders de Rufina* (2018) acompanhamos um grupo de jovens que se reúne no Parque Rufina, no qual se encontra seu busto, para andar de bicicleta.

Além das questões que emergem da comunidade como as que vimos acima, relacionadas ao modo de vida da região, suas tradições e costumes, existem questões interessantes que são trazidas pelos jovens e que movimentam a tradicional *Villa de Los Santos*, como por exemplo questões de gênero. A tripla jornada feminina e a sobrecarga do trabalho doméstico estão registradas em *Venera* (2013), *Semillera* (2013), *Echa pa lante* (2015), *Sara, lujo y esplendor* (2016), *Vozes* (2017), *Dalia* (2017) e *El porvenir* (2020). Já temas e retratos LGBTQIA+ são trazidos em *Ojalá; Tuviera* (2016), *Palacios en el mar* (2017), *Transvida* (2020) e *Única* (2020). Outro tema social relevante é a questão da imigração e a situação dos imigrantes no Panamá, presente em *Grietas* (2016) e *Círculo* (2018). A infância e juventude são trabalhados em *Los riders de Rufina* (2018), *Raíces* (2019), *Un cuento no tan cuento* (2020), que trata da relação entre a neta e seu avô, *La educación al borde de un abismo* (2020) e *El porvenir* (2020), esses dois últimos refletindo sobre os impactos da pandemia Covid-19 na vida das crianças. As incertezas econômicas, sanitárias e políticas geradas pela pandemia foram registradas em *Santuário sónico* (2020), *Armadura de fé* (2020) e *Ausencia* (2020).

Como podemos observar, a partir da temática anual orientadora, outros tópicos emergem do encontro dos alunos do *Campamento* com a comunidade, como histórias, memórias e relatos relacionados aos modos de vida, tradições culturais e patrimônio local. Narrativas mais marginais também são encontradas pelos jovens aspirantes a cineastas na pacata *Villa de Los Santos*, estimulando o debate e reflexão de questões atuais como gênero, imigração e trabalho.

## **Conclusões**

O *Acampadoc*, e especialmente o programa formativo *Campamento*, podem ser entendidos como um espaço de educação patrimonial não formal panamenho que se desenvolve a partir da produção de documentários. O arranjo de todo o processo formativo,

desde a localização das aulas, hospedaria, a sua característica imersiva e colaborativa extrema, a pesquisa de campo e gravações sobre e na comunidade local, combinados ao lugar simbólico e afetivo que a *Villa de Los Santos* ocupa no imaginário panamenho no que tange à salvaguarda do patrimônio, práticas culturais e memórias, é um campo fértil para esse exercício.

O próprio evento surge da necessidade emergida dentro do contexto local, na figura de Irina Ruiz Figueroa, da tomada de ação por parte da sociedade civil, no esforço de realizar um registro documental dos patrimônios materiais e imateriais da *Villa* que estão se perdendo, em um enquadramento de ausência de marco legal para sua salvaguarda para além das fachadas arquitetônicas da cidade. Após quase uma década registrando a *Villa*, o acervo fílmico constituído pelo festival é, por vezes, o único registro de relatos orais, memórias, práticas, paisagens e edificações que já não existem.

A produção dos documentários, estimulada e conduzida pelo processo formativo desenvolvido no *Acampadoc*, que mira em temáticas relacionadas ao patrimônio, abre espaço, mediado sempre pela presença da câmera, para a reflexão, diálogo, encontros e desencontros, entre os jovens cineastas advindos de toda Ibero-América e a população local, sobre o patrimônio da *Villa*. Quais são as histórias, espaços, manifestações culturais, que devem ser registradas pelos documentários? Esse encontro acaba por atualizar o patrimônio e as memórias da *Villa*, que estão em constante movimento e disputa. Certamente, a experiência em *Villa* irradia, a partir do regresso de seus participantes aos seus países de origem, tais reflexões, questionamentos e ações. O audiovisual é uma relevante ferramenta de produção de afetos e sentidos sobre o mundo histórico e peça importante nas disputas por narrativas, identidades, patrimônios e memórias. A prática do *Acampadoc* nos mostra como a experiência do fazer cinema pode afetar a relação da comunidade com seu patrimônio e também ser afetada por esse mesmo encontro.

Por fim, podemos indicar de forma bastante assertiva a sonoridade da Educação Patrimonial ao propor ações inclusivas, nas quais o que é preservado e debatido também é aquilo que é partilhado e significativo. O contexto da *Villa de Los Santos* é bastante próximo de muitas de nossas cidades: políticas oficiais de preservação patrimonial frouxas ou abertas a outros interesses que não o do bem coletivo e público, perda de territórios por parte das comunidades tradicionais e enfrentamentos de outras modernidades

que não necessariamente pautam o patrimônio em suas agendas. Nesse sentido, o *Acampadoc* torna-se um ponto importante de reflexão para o potencial do audiovisual que temos em mãos e na urgência de retomarmos as reflexões sobre o campo da cultura visual e as ações conjuntas ao patrimônio material e imaterial.

## **Bibliografia**

ACAMPADOC. Festival Internacional de Cine Documental Acampadoc, 2020. Disponível em: <<https://www.acampadoc.com/>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2020.

ARENDR, Hannah. *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2007.

BEZERRA, M. Patrimônio e Educação Patrimonial. Em: CARVALHO, A. V e MENEGUELLO, C. *Dicionário Temático de Patrimônio - debates contemporâneos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

CARVALHO, A. V e MENEGUELLO, C. *Dicionário Temático de Patrimônio - debates contemporâneos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

CASTILLERO CALVO, Alfredo. *La fundación de la Villa de los Santos y los Orígenes Históricos de Azuero*. Dirección de Cultura. Ministerio de Educación. 1971.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Patria Mestiza: a invenção do passado mexicano (séculos XVIII e XIX)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

FIORMONTE, Domenico. Digital Humanities and the Geopolitics of Knowledge. *Digital Studies/Le champ numérique*. 2017;7(1):5. DOI: <http://doi.org/10.16995/dscn.274>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MACIEL, A. C. Patrimônio Audiovisual. Em: CARVALHO, A. V e MENEGUELLO, C. *Dicionário Temático de Patrimônio - debates contemporâneos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

MENEGUELLO, Cristina e BORGES, Viviane. Patrimônio, memória e reparação: a preservação dos lugares destinados à hanseníase no estado de São Paulo. *Revista Patrimônio e Memória*. São Paulo, Unesp, v. 14, n. 2, p. 345-374, julho-dezembro, 2018.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 5ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PEREIRA, M. H. de F.; ARAUJO, V. L. de. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, p. 270–297, 2017. DOI: 10.35699/2316-770X.2016.2770. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2770>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SANTIAGO JR, F. C. F. Cultura Visual e Patrimônio. Em: CARVALHO, A. V e MENEGUELLO, C. *Dicionário Temático de Patrimônio - debates contemporâneos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

SCOTT, J. W. O enigma da igualdade. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, editora, 13(1): 216, janeiro-abril, 2005.

PRATS, Llorenç. *Antropología y Patrimonio*. 2da. Ed. Barcelona: Ediciones Ariel, 2004,

TEJEIRA DAVIS, Eduardo. *Panamá: Guía de Arquitectura y paisaje*. Junta de Andalucía, Sevilla. 2007

### **Fontes primárias:**

Archivo General de Indias (AGI) Panamá, 29, R.6, N.25. Carta de Álvaro de Sosa. Governador do Panamá. 20 de agosto de 1555.

Archivo General de Indias (AGI) Panamá, 32, N.54. Cabildo Seculares: Villa de Los Santos.

### **Filmografia:**

Al sabor de la luna. Direção de Blanca Pedreschi, Giselle Morales, Laura Ángel e Maricarmen Castillo. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2012. 5 minutos.

Al son del barro. Direção de Amparo Roble Rodríguez, Angel Gutierrez e Abdiel Zabad. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2012. 5 minutos.

Armadura de fé. Direção de Vidal Alba. Ciudad de Panamá: Acampadoc, 2020. 5 minutos.

Ausencia. Direção de Jonathan Cáceres. Boquete: Acampadoc, 2020. 7 minutos.

Biotipo. Direção de Fátima Lucía Díaz Hernandez, Mabel Guerra Cheva e Javier Alejandro Salas Salas. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2019. 4 minutos.

Carreteando memorias. Direção de René Guillén, Gustavo Molina e Dennisse Cruz. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2015. 4 minutos.

Círculo. Direção de Carlos León, Esteban Salas Campos, Amisaday Ferro e Evelyn Araúz. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2018. 5 minutos.

Cruz. Direção de Yarelis Mendoza, Katherin Delgado Franco e Aileen Valle. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2014. 7 minutos.

Dalia. Direção de Yarvis Suárez, Monica Echeverría, Augusto Zapatero, Luiza Orozco Barrios e Daniela Bolívar. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2017. 4 minutos.

Echa pa lante. Direção de Brian Ruiz, Cecília Branchez e Irene Guitierrez.

La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2015. 5 minutos.

El clásico de Azuero. Dirección de Yolanda Morales, Felipe Zuñiga e Geovany Cunampio. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2014. 10 minutos.

El porvenir. Dirección de Rita Ramos. Ciudad de Panamá: Acampadoc, 2020. 4 minutos.

El son de los olivos. Dirección de María Belén Cedeño Blacio, Ramón Moraes Garro e Fredys Pascario Córdoba. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2014. 10 minutos.

En manos del tiempo. Dirección de Andrea Ayala, Mar Alzamora Rivera e Víctor Pereira. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2013. 6 minutos.

Entre diablos y santos. Dirección de Wagner Mora, Aileen Méndez Tejada, Natalia Monroy Castañeda e Rolando Silva. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2012. 7 minutos.

Entre diablos. Dirección de Víctor Medina, Kathelys Pereira Saavedra, Carlos Díaz e Adahir Ponce. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2012. 7 minutos.

Entre Fuego y Tierra. Dirección de Bereniz Tello, Elsy Rodríguez e Duiren López. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2013. 6 minutos.

Grietas. Dirección de Carmen Montoya, Jorge Zúñiga, Ireul Thyme e Karina Reyes. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2016. 5 minutos.

Jisk'apacha. Dirección de Jhonny Mariano. Ciudad de El Alto: Acampadoc, 2020. 7 minutos.

La educación al borde de un abismo. Dirección de Idis Hogan. Ciudad de Panamá: Acampadoc, 2020. 6 minutos.

Labrando Ausencia. Dirección de Francisco Fuenmayor, Tairé Hall e Iván Pérez. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2013. 9 minutos.

Lázaro y el café. Dirección de Yuri Pittí. Boquete: Acampadoc, 2020. 5 minutos.

Libertad, libertad, libertad. Dirección de Marco Arias, Milagros Hernández, Diana Pacheco, Jeff Toledo e Vania Rodríguez Cruz. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2017. 4 minutos.

Los riders de Rufina. Dirección de Cristian José Bernal, Paul Simitrí, Oswal Gómez, Jesús Ortíz, Anthony González, Nelson Jaramillo, Geroge Cortez, Angel Marterrey e Jonathan Jaén. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2018. 4 minutos.

Miradas. Dirección de Valeria Intriago, Leonel García e Sofía Corrales. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2019. 4 minutos.

Ojalí tuviera. Dirección de Mariel Romero Méndez, Oscar Omar Portillo Dueñas, Matías Minahk e Meyvis Blackman. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2016. 4 minutos.

Palacios en el mar. Dirección de Laura Guerra Torres, Oriana Martínez

Velázquez, Ivan Jaripio, Amelia Arreguín Prado e Sofía Alvarez Espinoza. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2017. 5 minutos.

Pan de fuego. Direção de Fernando Torres, David Guerra, Yoelis Garabato e Alexis Campbell. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2018. 5 minutos.

Pez era. Direção de Paola Martínez, Gustavo León Ramírez e José Franco Vicuña. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2014. 10 minutos.

Pin pagao pin ganao. Direção de Miguel Ángel Rodríguez, Hawi Naira Castañeda e Wilber Huacasi Huaman. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2015. 6 minutos.

Por qué llora el río. Direção de Daniel Hernandez e Eleonora López Galarza. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2019. 3 minutos.

Raíces. Direção de Diana Arroyo, Ericka Oreallana e Geraldina Nereira. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2019. 5 minutos.

Sabores que nascen. Direção de Manuel Campos, David Donner Castro e Erick Giancarlos Gonzalez. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2013. 9 minutos.

Santuario sónico. Direção de Shanon Muñoz. Ciudad de Panamá: Acampadoc, 2020. 6 minutos.

Sara, lujo y espendor. Direção de Kereenthya Yanis, Marvin Salvador Rodríguez, Rodrigo Moreno, María Agelica Contreras e Marc Saludes. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2016. 6 minutos.

Semillera. Direção de Anaïs Taracena, Juan Andrés Gómez e Iria Perez Castro. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2014. 6 minutos.

Sinusal. Direção de Daniela Muñoz Barroso, Dimas Rodriguez e Irene Queiroz. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2018. 4 minutos.

Soñando la tierra. Direção de Jonathan González, Fabio Hernandez e Angel Pajares. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2015. 7 minutos.

Tamarindo. Direção de Arturo José García e Nei Francisco. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2013. 9 minutos.

Tendiendo pescado. Direção de Harry Oglivie, Pedro Omaña e José Barquero. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2014. 10 minutos.

Transvida. Direção de Félix D'el Cid. Ciudad de Panamá: Acampadoc, 2020. 7 minutos.

Tumbamontes. Direção de Cristiam Camilo Guerrero, Harry Suárez, Carolina Amaya e Jéssica Guifarro. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2016. 6 minutos.

Un cuento no tan cuento. Direção de Debora Arrocha. Ciudad de Panamá: Acampadoc, 2020. 4 minutos.

Única. Direção de Natasha Pacheco. Ciudad de Panamá: Acampadoc, 2020. 6 minutos.

Venera. Direção de Luis Carlos Pérez, Joaquim Murguía Lee e Karen Trujillo. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2013. 6 minutos.

Vozes. Direção de Andressa Ternes, Arturo Baltazar, Gabriela Orestes, Josue Orellana e Meyvis Blackman. La Villa de Los Santos: Acampadoc, 2017. 8 minutos.